



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

JULIANA SOARES DA SILVA

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SOB UMA PERSPECTIVA
SOCIOINTERACIONISTA COM A OBRA *UMA PRINCESA NADA BOBA*, DE LUIZ
ANTONIO: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA PARA A SALA DE AULA**

**GUARABIRA/PB
2024**

JULIANA SOARES DA SILVA

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SOB UMA PERSPECTIVA
SOCIOINTERACIONISTA COM A OBRA *UMA PRINCESA NADA BOBA*, DE LUIZ
ANTONIO: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA PARA A SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Especialização em Aquisição da Linguagem da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Aquisição da Linguagem.

Área de concentração: Aquisição da Linguagem e Interfaces.

Orientador: Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza.

GUARABIRA/PB

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Juliana Soares da.

O processo de aquisição da linguagem sob uma perspectiva sociointeracionista com a obra "Uma princesa nada boba", de Luiz Antonio [manuscrito] : uma abordagem enunciativa para a sala de aula / Juliana Soares da Silva. - 2024.

31 p. : il. colorido.

Digitado. Monografia (Especialização em Aquisição da Linguagem Oral e Escrita) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024. "Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Literatura Infantil e Enunciação. 2. Aquisição da linguagem e Ensino. I. Título

21. ed. CDD 401.93

JULIANA SOARES DA SILVA

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SOB UMA PERSPECTIVA
SOCIOINTERACIONISTA COM A OBRA *UMA PRINCESA NADA BOBA*, DE LUÍS
ANTÔNIO: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA PARA A SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Especialização em Aquisição da Linguagem da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Aquisição da Linguagem.

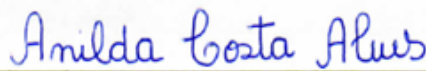
Área de concentração: Aquisição da Linguagem e Interfaces.

Aprovada em: 05/09/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Anilda Costa Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, por todo amor e suporte,
DEDICO.

[...]

Meu nome nunca foi Stephanie, com P e H.

Eu me chamo Odara.

Nome de princesa nada, nada boba.

(Antonio, 2011)

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Sequência Básica com a obra Uma princesa nada boba, de Luiz Antonio..... 24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIAS DE PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: DISCUTINDO METODOLOGIA EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	12
3 A TEORIA VYGOTSKYANA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO.....	14
3.1 A teoria vygotskiana.....	14
3.2 A Estética da Recepção: o horizonte de expectativa do leitor.....	15
4 DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO: A PROPOSTA DA BNCC E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	17
5 A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA: O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A PROPOSTA SEQUÊNCIA BÁSICA DE COSSON.....	18
5.1 Aquisição da Linguagem e sala de aula: A Literatura Infantil por uma ótica benvenistiana.....	18
5.1.1 Aquisição da linguagem e o processo de interação.....	20
5.2 Aquisição da Linguagem e Cultura: uma perspectiva benvenistiana.....	21
5.2.1 A recepção a obra Infantil: Descobrimo uma identidade.....	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7 REFERÊNCIAS.....	28

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA COM A OBRA *UMA PRINCESA NADA BOBA*, DE LUIZ ANTONIO: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA PARA A SALA DE AULA

THE PROCESS OF LANGUAGE ACQUISITION FROM A SOCIOINTERACTIONIST PERSPECTIVE WITH THE WORK *UMA PRINCESA NADA BOBA* BY LUIZ ANTONIO: AN ENUNCIATIVE APPROACH FOR THE CLASSROOM

Juliana Soares da Silva¹

RESUMO

Considerando o espaço da sala de aula e as questões sociointeracionais dos alunos, buscamos, por meio desta pesquisa, evidenciar a ligação entre o processo de aquisição da linguagem e o contexto sociocultural. Nesse cenário, experimentar os impactos de uma abordagem de ensino que se pauta em obras literárias infantis não-canônicas pode ser muito benéfico ao desenvolvimento integral do aluno. Haja vista as fragilidades sociais que geralmente permeiam a realidade brasileira, visamos apontar quais são as contribuições de trabalhar com a Literatura Infantil ²nos anos iniciais do Ensino Fundamental, explorando uma obra não-canônica com temática afro-brasileira, identitária, voltada a representatividade feminina negra. Dessa forma, justifica-se a relevância deste trabalho, em face da escassez de pesquisas voltadas a associação entre a Literatura e a Aquisição da Linguagem, levando em conta o fato de serem áreas de estudos que dialogam, no que diz respeito à interação social, discurso, cultura, entre outras temáticas frutíferas para se pensar no desenvolvimento e entrada da criança na linguagem. Posto isso, estabelecemos o seguinte objetivo geral: investigar sobre a relevância da Literatura Infantil no ensino, considerando o processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem. Para tanto, nosso aporte teórico se firma nos postulados de Hilário e Del Ré (2015), Neto (2023), Almeida e Vilela (2023), Diedrich (2017), Diedrich (2023) no que tange traçar o panorama sobre as teorias em Aquisição da linguagem, de modo particular a teoria benvenistiana, ótica teórica que norteia as discussões deste trabalho. Para tal, este escrito segue um viés de pesquisa exploratória de cunho qualitativo, ou seja, mediante uma revisão bibliográfica das conjecturas de autores como Zilberman (1989) Zappone (2004) dialogamos acerca dos postulados da estética da recepção, cuja qual, traçamos uma relação com a perspectiva enunciativa de Benveniste. Por fim, nos propomos a apresentar uma sugestão de aplicação em sala de aula, estruturada no modelo de sequência básica de Cosson (2012) amparada pelas premissas e descritores presentes em Brasil (2018) propondo-se a refletir e apresentar possibilidades de ensino que promovam a autonomia sociodiscursiva do aluno. Mediante esses e outros autores teóricos, como Jauss (1994) com seus pressupostos sobre a estética da recepção a qual considera que o texto literário atinge sua essencialidade mediante o contato com o leitor que é quem significa e (re)constrói o texto, alinhado aos postulados da visão enunciativa Benvenistiana, discutiu-se e apresentou-se uma proposta de intervenção em sala de aula em consonância com os descritores da BNCC e organizada conforme a proposição da sequência básica de Cosson (2012), usando a obra: *Uma princesa nada boba*, de Luiz Antonio. Contudo, salienta-se que não é objetivo deste trabalho fornecer respostas absolutas ao cenário aquisicional na escola, mas, sim, discutir sobre esse processo de Aquisição em sala de aula enxergando o papel mediador do professor como uma notável possibilidade de se valer dos textos literários para fomentar a Aquisição da linguagem, por parte dos alunos, em especial ampliando a linguagem cultural dos discentes.

Palavras-Chave: Aquisição da linguagem e ensino; Literatura Infantil e Enunciação.

ABSTRACT

Considering the classroom and students' socio-interactional issues, this research aims to highlight the link between the process of language acquisition and the socio-cultural context. In this scenario, experiencing the impact of a teaching approach based on non-canonical children's literature can be very beneficial to the student's

¹ Graduada em Letras - língua portuguesa - pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

² De acordo com o que propõe Nelly Novaes Coelho, no livro, Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática, como desmistificação de termos, ela os segmenta de três formas: Literatura Infantil para pré leitores, leitores iniciantes e leitores-em-processo, Infanto-Juvenil para leitores fluentes e Juvenil para leitores críticos. Sendo assim, conforme esse trabalho tem enfoque em crianças do 4º ano do ensino, as quais, geralmente ainda estão consolidando-se como leitoras, optamos por adotar o termo Literatura Infantil para padronizar a Literatura direcionada ao público infantil e juvenil.

all-round development. In view of the social fragilities that generally permeate the Brazilian reality, we aim to point out the contributions of working with Children's and Young People's Literature in the early years of elementary school, exploring a non-canonical work with an Afro-Brazilian theme and an identity focused on black female representation. This justifies the relevance of this work, given the scarcity of research into the association between Literature and Language Acquisition, taking into account the fact that they are areas of study that dialog with regard to social interaction, discourse, culture, among other fruitful themes for thinking about the child's development and entry into language. That said, we set ourselves the following general objective: to investigate the relevance of Children's and Young People's Literature in teaching, considering the process of language development and acquisition. To this end, our theoretical framework is based on the postulates of Hilário and Del Ré (2015), Neto (2023), Almeida and Vilela (2023), Diedrich (2017), Diedrich (2023) in terms of outlining the theories of language acquisition, in particular the Benvenist theory, the theoretical perspective that guides the discussions in this work. To this end, this article follows a qualitative exploratory research approach, i.e. through a bibliographical review of the conjectures of authors such as Zilberman (1989) and Zappone (2004), we discuss the postulates of the aesthetics of reception, which we relate to Benveniste's enunciation perspective. Finally, we propose to present a suggestion for classroom application, structured on Cosson's (2012) basic sequence model, supported by the premises and descriptors present in Brazil (2018), with the aim of reflecting on and presenting teaching possibilities that promote students' socio-discursive autonomy. Based on these and other theoretical authors, such as Jauss (1994) with his assumptions about the aesthetics of reception, which considers that the literary text reaches its essentiality through contact with the reader who is the one who signifies and (re)constructs the text, aligned with the postulates of the Benveniste's enunciation vision, a proposal for classroom intervention was discussed and presented in line with the BNCC descriptors and organized according to Cosson (2012) basic sequence proposition, using the work: *Uma princesa nada boba*, by Luiz Antonio. However, it should be emphasized that the aim of this paper is not to provide absolute answers to the acquisition scenario at school, but rather to discuss the process of acquisition in the classroom, seeing the mediating role of the teacher as a notable possibility for using literary texts to encourage students' acquisition of language, especially by broadening their cultural language.

Keywords: Language acquisition and teaching; Children's literature; Enunciation.

1 INTRODUÇÃO

No campo social, o espaço referente a sala de aula é visto como frutífero e necessário para o fomento a um posicionamento crítico, especialmente, em face da demanda presente no cenário nacional, a qual apresenta alarmantes lacunas e defasagens no processo formativo de crianças e jovens. Tendo em vista essa realidade, a grosso modo generalizada, o presente trabalho se propõe a discutir as contribuições da Aquisição da Linguagem Cultural³, por meio da leitura literária, para a construção de sujeitos mais conscientes no que diz respeito à multiculturalidade, na qual, estamos sócio-culturalmente inseridos.

A partir das pesquisas e contribuições das correntes sociointeracionistas no processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem, é notório que esse processo de desenvolvimento tão fundamental mostra-se, contemporaneamente, como algo constitutivo contínuo ao longo da vida. Embora pesquisadores, como Piaget, tenham estabelecido faixas de idade para o desenvolvimento e consolidação da aquisição da linguagem, estudos posteriores à teoria piagetiana têm oferecido novas contribuições. Eles destacam a influência do contexto sociocultural nesse processo e evidenciam que essa realidade não se limita aos estágios etários considerados típicos.

Considerando essas questões sociointeracionais, evidenciaremos que o processo de aquisição da linguagem está ligado ao contexto sociocultural, logo, podem sofrer os impactos de abordagem de ensino que se valem de obras literárias infantis, não canônicas. Assim, tendo em vista as fragilidades sociais que geralmente permeiam a realidade brasileira,

³ Doravante surja neste trabalho o termo “Aquisição da Linguagem”: quando escrito com letra maiúscula refere-se a área teórica, ou seja, ao campo de estudos, já quando aparecer em letras minúsculas concerne ao processo de desenvolvimento da linguagem da criança.

visamos apontar quais são as contribuições de trabalhar com a Literatura Infantil nos anos iniciais do ensino fundamental, explorando uma obra não canônica com temática afro-brasileira, identitária, voltada a representatividade feminina negra.

Ademais, justificamos a relevância deste trabalho, em face da escassez de pesquisas voltadas a associação entre a Literatura e a Aquisição da Linguagem, considerando o fato de serem áreas de estudos que dialogam no que diz respeito à interação social, discursiva, cultural entre outras temáticas frutíferas para se pensar no desenvolvimento da criança na linguagem. Tal feito, nos evidencia que é produtivo alinhar as contribuições dessas duas áreas das ciências humanas, em prol de se refletir sobre práticas de ensino que potencializem o desenvolver integral do aluno.

Assim, traçamos o seguinte objetivo geral, investigar sobre a relevância da Literatura Infantil e Juvenil no ensino, considerando o processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem. A fim de desenvolver o presente objetivo, elencamos também as seguintes ações específicas: a) evidenciar, a partir de uma revisão da literatura, a potencialidade dos recursos visuais e textuais da Literatura Infantil no processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem. b) abordar obras infantis, não canônicas, que representam manifestações culturais não dominantes, a fim de favorecer o desenvolvimento crítico, identitário e reflexivo do sujeito. c) expor como os elementos construtivos da obra infantil: Uma princesa nada boba, podem ser explorados no processo de aquisição da linguagem, pensando em turmas de um contexto de 4º ano do ensino fundamental.

Esse trabalho de cunho qualitativo se caracteriza como uma pesquisa exploratória⁴, uma vez que essas objetivam propiciar uma maior proximidade com o tema pesquisado. Dessa forma, partimos da seguinte questão problema: Qual a relevância de trabalhar a Literatura Infantil, não canônica, no ensino fundamental, anos iniciais, e como isso pode contribuir com o desenvolvimento do processo de aquisição da linguagem?

Estabelecemos essa questão a partir de uma inquietação gerada após a abertura do processo seletivo de especialização em aquisição da linguagem, que gerou o presente produto, pois se verificou em nossas pesquisas uma escassez de trabalhos que verssem sobre a Aquisição e Literatura Infantil. Dessa forma, evidenciou-se a necessidade de trazer à tona a inter-relação entre a área da Literatura e Aquisição da linguagem, haja vista o caráter humanizador da leitura literária. Inicialmente fizemos uma varredura de trabalhos pesquisando em duas bases de dados: Google acadêmico e biblioteca digital da UEPB, tendo como descritores Literatura Infantil afro-brasileira, ensino, Aquisição da Linguagem, buscando assim afunilar a extensão da pesquisa.

Para tanto, nosso aporte teórico se firma nos postulados de Hilário e Del Ré (2015), Neto (2023), Almeida e Vilela (2023), Diedrich (2017), Diedrich (2023), no que tange traçar o panorama geral sobre as teorias em Aquisição da linguagem, de modo particular a teoria benvenistiana⁵, ótica teórica que norteia as discussões deste trabalho. Além disso, dialogamos com Zilberman (1989), Zappone (2004), acerca dos postulados da estética da recepção, cuja qual traçamos uma relação com a perspectiva enunciativa de Benveniste. Por fim, nos propomos a apresentar uma sugestão de aplicação em sala de aula, estruturada no modelo de

⁴ Essas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses [...] Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (Sellitz *et al.*, 1967, p.63 *apud* Gil p. 41).

⁵ Teoria oriunda dos estudos de Benveniste, linguista que apontou para a necessidade de se estudar a linguagem para além da estrutura do código linguístico, investigando a sua funcionalidade enunciativa, ou sociocomunicacional. Para saber mais: [<https://doi.org/10.5902/2179219447445>].

sequência básica de Cosson (2012), amparada pelas premissas e descritores presentes em Brasil (2018), visando refletir e apresentar possibilidades de ensino que promovam a autonomia sociodiscursiva do aluno.

Ademais, mediante esses e outros autores teóricos, apresentaremos e discutiremos nos cinco tópicos seguintes sobre o processo de Aquisição da Linguagem em sala de aula, refletindo que a criança já está envolta no processo da Linguagem desde antes do seu nascimento, contudo, somente quando inserida em contexto sociocultural é que se desdobram o decurso da aquisição da linguagem da criança, que vai desenvolver-se ao longo de toda a vida. Finalmente, no último tópico, constatamos o quão vasta é essa área de pesquisa, sendo nossas contribuições apenas um fomento para se buscar novas compreensões a respeito da relação Aquisição da Linguagem, Literatura Infantil e Ensino.

Assim, no primeiro tópico discutimos brevemente sobre as metodologias em Aquisição da linguagem, evidenciando as perspectivas que levam em consideração a prática comunicativa da linguagem. Além do que, focamos no segundo tópico, nas teorias sócio interacionistas que dialogam a teoria da estética da recepção, diálogo necessário para fundamentar nosso estudo que busca alinhar essas duas áreas de pesquisa. Por fim, nos terceiro e quarto tópicos destrinchamos sucintamente as diretrizes de base do ensino que nos dão suporte para desenvolver uma proposta de intervenção em sala de aula. Em nossas considerações finais evidencia-se como pode se expandir as pesquisas nesse sentido, uma vez que a linguagem desenvolve-se em contexto sociocomunicacional sendo a sala de aula um espaço privilegiado para desenvolver esse processo.

2 METODOLOGIAS DE PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: DISCUTINDO METODOLOGIA EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

No que tange às metodologias usadas nos trabalhos referentes a Aquisição da Linguagem, existe uma gama bem diversificada de abordagens. Assim, como afirma Hilário e Del Ré (2015) há uma impossibilidade de se falar em uma metodologia universal que sirva de aporte aos estudos sobre os fenômenos de aquisição da linguagem. Isso ocorre tanto pelo fato do percurso histórico do campo científico ser oriundo da psicolinguística e dialogar com várias outras áreas das ciências humanas, quanto pelos diversificados pressupostos teóricos que norteiam as abordagens das pesquisas na área supracitada. Por isso, é significativo considerar que a própria questão de pesquisa já orienta o pesquisador a qual tipo de coleta de dados e metodologia de estudo pode valer-se.

Ainda que o campo da Aquisição da Linguagem carregue certa tradição nos estudos naturalísticos, descritivos e longitudinais, conforme Hilário e Del Ré (2015) nos apresenta, temos os estudos de Darwin em 1877 que versam sobre o desenvolvimento do seu filho, sendo a relação pesquisa-pesquisador muito imbricada e proximal. Porém, é depois das contribuições de Chomsky, a partir de 1957, que iniciaram as buscas por estudos experimentais que apresentem respostas acerca das demandas da aquisição da linguagem.

A esses estudos e suas vertentes não se pode atribuir caráter de valoração ou preferência de um em detrimento ao outro, ambos trazem diversas contribuições a referida área de pesquisa, com relevantes colocações acerca dos fenômenos e processos do desenvolvimento da criança na linguagem. À vista disso, nossa pesquisa assemelha-se aos interesses de pesquisa de caráter naturalístico, já que se apresenta uma proposta de intervenção, a qual se propõe a observar de modo global a interação sócio-discursiva das crianças em processo de aquisição da linguagem cultural. Entendendo que os métodos naturalísticos obtêm seus dados em circunstância natural, no qual eles ocorrem. Assim,

[...] acabam por permitir uma abordagem metodológica mais holística dos fenômenos de aquisição, ou seja, possibilitam que esses fenômenos sejam estudados

em sua relação com fatores mais integrativos e globais. Fatores como papel do contexto, situação comunicativa, influência do ambiente e interação com os interlocutores são mais bem equacionados ao se usarem métodos naturalísticos. (Neto, 2023, p. 246)

Logo, ao notarmos a necessidade de trazer contribuições acerca da relação entre o campo da Literatura e da Aquisição da linguagem, mostrou-se em nossas pesquisas, relevante apontar como essa socialização necessária ao desenvolvimento da criança na linguagem pode ser amplificada, mediante a intermediação do texto literário, devido à interação não só com o outro (mediador) como também com os outros (discursos) presentes na leitura literária.

Considerando que a perspectiva enunciativa, defendida por Émile Benveniste⁶, a concepção benvenistiana⁷ nos evidencia a importância da interação interlocutor-discurso-outro como um elo necessário à entrada da criança na língua⁸, vemos a adequação dos estudos naturalísticos à nossa proposta, já que esses “[...] estão mais associados a concepções de linguagem que a definem como sendo um meio de expressão e comunicação, ou ainda como sendo uma ferramenta de interação entre indivíduos, ou mesmo como uma prática social, ainda que não sejam exclusividade destas” (Neto, 2023, p, 246). Essa concepção de linguagem como prática sócio-discursiva é o que norteia esta pesquisa. Contudo, vale frisar que a necessidade de se trazer as contribuições de Benveniste ocorre especialmente por seu pressuposto sobre enunciação, o qual compreende também as construções orais do indivíduo, no caso a criança que mediante o encontro com os discursos presentes na leitura literária, podem construir novas concepções de si e do mundo a sua volta, manifestando isso em sua enunciação, de forma oral e escrita.

Isto implica dizer que este trabalho ocorre em contexto de coleta de dados não manipulados, no qual, apontaremos a relação entre Literatura Infantil e a aquisição da linguagem, mediante revisão da literatura e apontamento de uma proposta de aplicação em sala de aula, que pode resultar em dados de observação *off-line*⁹, por meio de produções orais e escrita. Embora os dados aqui discutidos não sejam aplicados, mas apenas propostos, vale salientar como e qual metodologia é mais adequada a proposição de nosso estudo, pois estamos em consonância com Hilário; Del Ré (2015) quando afirma que:

Em uma abordagem dialógica e discursiva, entende-se a aquisição da linguagem muito mais como a entrada da criança em um universo de sentido, no discurso, do que como a emergência de categorias linguísticas na fala infantil. Aliás, até mesmo as categorias da língua estão, nessa perspectiva, submetidas ao discurso e à construção de um sentido compartilhado pelos sujeitos (entendidos como sujeitos discursivos, mas também como interlocutores) (Hilário; Del Ré, 2015, p. 59).

⁶ Importante linguista, pioneiro em trazer discussões sobre o discurso e a enunciação para os estudos linguísticos, deixando assim inúmeras contribuições para esse campo de estudos. Fenoglio (2023) desenvolve importantes considerações sobre o linguista que podem ser consultadas a título de aprofundamento.

⁷ Conforme esclarece Silva e Oliveira 2023, a teoria da enunciação proposta por Benveniste, defende que a enunciação é uma ação particular do sujeito na língua, porém essa ação ocorre por meio da necessidade de se falar sobre determinado assunto com o outro, ou seja, essa língua deixa de ser somente sistema e torna-se discurso, isto é: “(enquanto sistema de signos próprios a uma sociedade) seja transformada em discurso (enquanto enunciado, ou seja, frase ou conjunto de frases que podem ser faladas ou escritas), há um ato que possibilita essa transformação”. (Silva; Oliveira, 2023, p. 146).

⁸ Aqui consideramos, língua numa perspectiva benvenistiana, conforme nos apresenta Diedrich (2023), que toma esse conceito como uma estrutura ampla e complexa, de modo, como outros pesquisadores tendem a chamar de linguagem.

⁹ Esse termo *off-line* é concebido pelas teorias metodológicas de pesquisas Naturalísticas, cuja coleta de dados ocorre, geralmente em contexto de prática sociocomunicativa, considerando segundo Neto (2023), a linguagem como meio de interação entre indivíduos.

Nessa perspectiva, pode-se perceber pressupostos básicos do interacionismo vygotskyano, o qual apresenta teorias pioneiras que desbravam o campo do desenvolvimento da aquisição da linguagem, observando o contexto sociocultural da criança e evidenciando a importância das relações sociais. Esses postulados dialogam com a teoria enunciativa de Benveniste, a qual nos aportamos para direcionar nossos estudos, a fim de evidenciar as contribuições da leitura literária para a aquisição da linguagem cultural em contexto de sala de aula, alinhando essas considerações as contribuições da estética da recepção que tem como cerne de sua proposta, elucidar questões sobre o horizonte de expectativa do leitor e a interação leitor-texto-mediador.

3 A TEORIA VYGOTSKYANA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Ao longo deste capítulo, discorreremos acerca das teorias vygotskianas, suas reverberações no processo da aquisição da linguagem e sua aproximação com o campo da Literatura Infantil, em razão do nosso objeto de estudo. Além disso, apresentaremos alguns pontos em relação à teoria da Estética da Recepção para o alicerce das nossas discussões.

3.1 A teoria vygotskiana

A teoria sociointeracionista vygotskiana frisa que o aprendizado da leitura e da escrita é fortemente influenciado pela interação social, dessa forma pode ser intensificada por meio de experiências literárias diversas, seja no âmbito familiar ou escolar. O processo de consolidação da alfabetização deve incluir o prisma social e cultural, uma vez que alfabetizado não é o indivíduo que somente decodifica o código linguístico, mas é aquele que faz um uso crítico-reflexivo deste código. Isso nos leva a compreender que a leitura e a escrita não são habilidades isoladas, mas sim práticas culturais enraizadas no contexto social de cada indivíduo.

Sendo assim, consideramos que o processo de alfabetização das crianças, é multifacetado e transcende a decodificação de símbolos escritos, envolvendo um aprofundamento na interação sistemática entre a linguagem escrita e a compreensão acerca dos usos da oralidade. O psicólogo e educador, Vygotsky, destacou a necessidade da interação social e do contexto cultural para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Nessa perspectiva, difundiu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que salienta a valia da interação entre os indivíduos de modo que os materiais culturais, incluindo a literatura oral e escrita, possam ser facilitadores do progresso cognitivo do sujeito.

Logo, sabendo das possibilidades que a literatura apresenta nesse processo de aquisição da linguagem, salientamos a Literatura Infantil como um canal de acesso à cultura, que pode auxiliar na compreensão e na expressão de ideias, experiências e visões de mundo, elementos essenciais para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Por isso, segundo Simões (2000), partindo de um viés psicológico, discorre que “[...] podemos refletir sobre o impacto e a fascinação que as histórias exercem sobre a criança, de qualquer raça, faixa etária ou inserção social, [...] Dessa maneira, as histórias são um denominador comum a todas as crianças.” (Simões, 2000, p. 23). Nesse cenário, é o texto literário infantil uma ponte entre um mundo de fantasias, imaginação e narrativas que colaboram para o desenvolvimento integral da criança.

Todos temos histórias, sejam elas, contadas oralmente ou lidas, no ambiente familiar ou escolar, que nos marcaram e permanecem as nossas memórias, sobretudo, afetivas. Assim, geralmente é fácil recordarmos a importância destas histórias no nosso processo de desenvolvimento, não só linguístico, mas, especialmente, criativo. A imaginação das crianças

é, essencialmente, influenciada pelas histórias que lhes são lançadas, e essa interação com os fatos sociais apresentados na história corroboram com os usos da linguagem no cotidiano destas. Consoante as contribuições de Rojo (2009), podemos enfatizar a necessidade de um olhar crítico sobre as práticas de leitura e de escrita, capazes de abranger, não apenas o domínio técnico, mas, também, a compreensão dos discursos presentes na literatura oral e escrita.

Em outras palavras, a Literatura Infantil, é permeada por expressões culturais e identitárias que desempenham um papel fundamental na formação do repertório linguístico das crianças, enriquecendo sua compreensão e utilização da linguagem. Dessa forma, assim como cita Rojo (2009) “cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica” (Rojo, 2009, p.12). Uma vez que, estes recursos influenciam na entrada das crianças na linguagem, especialmente, na compreensão dos signos, símbolos e códigos linguísticos.

Considerando essas questões sociointeracionais, evidenciaremos que o processo de aquisição da linguagem está ligado ao contexto sociocultural, logo, podem sofrer os impactos de abordagem de ensino que se valem de obras literárias infanto juvenis, não canônicas. Assim, tendo em vista as fragilidades sociais que geralmente permeiam a realidade brasileira, buscamos apontar quais são as contribuições de trabalhar com a Literatura Infantil

3.2 A Estética da Recepção: o horizonte de expectativa do leitor

Traçando um panorama histórico geral da teoria da recepção, vale destacar que o cenário da teoria crítica Literária vigente apresentava-se falha em alguns aspectos, referente a centralidade do texto-autor como sendo critérios absolutos de estética literária. Portanto, esse contexto, carente de algumas reformulações e mudanças, é explorado por Hans Robert Jauss, um dos primeiros teóricos a de fato defender a estética da recepção, teoria que esclarecemos à frente. Antes, é importante frisar que de acordo com Zilberman (1989), o contexto sociopolítico que Jauss vivencia, em 1967, na Universidade de Constança, na Alemanha. É um momento de um grande revolucionarismo jovem, conhecido como “poder jovem”, que reverbera seu ativismo político também nos muros acadêmicos, já que é nesse espaço de circulação teórica que esses jovens têm a oportunidade de se re-formar.

Assim, essa força revolucionária estava disposta a expressar também no âmbito científico uma força jovem até então desconhecida. Por isso, Jauss, em 1975 apresentou no Congresso Bienal de Romantismo Alemão, sua indignação com a fossilização da crítica literária, a qual insistia em manter-se presa a noção de texto-autor como centralidade da obra literária, sendo o leitor um mero personagem passivo e idealizado, servindo apenas como destinatário de uma obra acabada. Logo, na perspectiva de Jauss esse conceito era obsoleto, pois se assim o fosse, uma obra receberia de vários leitores a mesma crítica e também não haveria conflitos sobre o que a criação reverbera, uma vez que tudo que se precisa ser dito está no texto, nele o autor depositou suas ideias e vontades absolutamente imutáveis.

Nesse cenário, notamos uma das inquietações de Jauss, é evidenciar o literário tido dentro desta redoma de paradigmas postos/aceitos pela crítica literária, a qual resumia a literatura a algo que ela não é, estática, além disso, atribuiu a ela algo, também inconcebível, a finalidade de chegar ao leitor e apresentar-se. Logo, para chegar a tal conclusão, não basta o inconformismo, é preciso, também, referências, um ponto de partida para que sua teoria tome forma. Para tanto, Jauss encontra em Gadamer¹⁰ um alicerce inicial para cunhar aquilo a que

¹⁰ O filósofo da linguagem Hans-Georg Gadamer, é um dos primeiros teóricos a conceber a Linguagem como algo que transcende a estrutura do código linguístico, segundo Ventura (2015) Gadamer entende a linguagem

denomina estética da recepção. Assim, uma das principais contribuições de Gadamer para a nova teoria crítica literária é a publicação da obra: *Verdade e método* 1900, na qual, o autor retoma os conceitos da fenomenologia como o horizonte de expectativa, resgatando as noções de prejuízo e tradição, elaborando suas próprias terminologias, como consciência da história dos efeitos.

De acordo com Zappone (2004), a Estética da Recepção é uma teoria científica que surge frente a necessidade de questionar a historicidade literária, de modo não analógico ou engessado, uma vez que se nota na teoria crítica literária corrente uma lacuna causada pela demasiada atenção no texto e/ou autor, o que por si só não comporta os sentidos encontrados numa obra ao longo do decorrer de um determinado tempo. Isto é, a partir dos questionamentos inicialmente defendidos por nomes como Jauss (1994), notamos a importância de se atentar a um terceiro ponto fundamental que em inúmeras situações não é considerado pela crítica literária, o leitor. Esse elemento relegado pela esfera científica, especialmente a área acadêmica, é, na perspectiva de Jauss (1994), o eixo propulsor da obra, haja vista que o texto tem a finalidade de direcionar-se a alguém e a ausência deste pode tornar vazio o propósito daquilo que se escreve.

Assim, o leitor é aquele capaz de atribuir sentido ao que foi escrito, portanto, sua participação na construção do texto é inegável, já que uma obra literária não se faz apenas de estética e precisão linguística, nem somente de pretensões/intenções do autor, pois esses elementos sem a recepção de um leitor são desprovidos de sentido. Dessa forma, o conceito de recepção surge como um reconhecimento em relação à importância da contribuição do leitor na construção literária, logo: “A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transforma em sentido quando alguém resolve ler.” (Zappone, 2004, p. 154). Isto é, os sentidos da Literatura se perderiam, caso não houvesse esse leitor-receptor, uma vez que o texto literário não se prende a pura estética desprovida de sentidos, o escritor quando se dedica a uma obra, mesmo que de maneira menos consciente possível, têm um leitor em mente, aquele que irá dialogar com a obra e atribui-lhe novos sentidos.

À vista disso, Jauss é de grande relevância para a moderna teoria literária, pois se opõe severamente à teoria crítica historiográfica centrada unicamente nos aspectos cronológicos. Isso porque, Jauss discorda que a qualidade de uma obra deva-se à ordenação cronológica, para ele a categoria estética parte: “dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua forma juntos posteridade” (Jauss, 1994, p.7, *apud*, Zappone 2004, p. 156). Pois, como apontamos anteriormente, uma obra puramente centrada na estética pode perder algo que lhe é inerente, a sensibilidade de expor o humano no mais despido de sua essência.

Por consequência, sendo o leitor esse eixo central de recepção ao texto literário, capaz de atribuir-lhe sentido e transformá-lo em vários sentidos, inclusive o da linguagem, tornando os discursos literários um material flexível e próprio a mudanças e aprimoramentos. Logo, a partir dos conceitos da estética da recepção, podemos pensar no leitor como um ser de linguagem que se constrói através desta, assim, pensamos nos textos literários como sendo portas abertas a apresentarem às crianças diversos discursos que irão constituir-la como indivíduo. Por isso, discutiremos, de modo breve, as concepções de aquisição da linguagem no ensino, observando a escola como um lugar crucial para se mediar o processo de desenvolvimento da criança na linguagem.

equipara-se ao que, ele denomina do dizível e o indizível. Ou seja, a linguagem é viva, assim como o ser humano, logo está dotada da capacidade infinita de significações, não podendo ser reduzida a um sistema de signos.

4 DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO: A PROPOSTA DA BNCC E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento regulamentar norteador das práticas educativas elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) está em voga desde 2018, sua proposta inclui o desenvolvimento das competências e das habilidades dos indivíduos, provocando, assim, um ensino que vá além da mera decodificação. Ainda que se possa fazer algumas ressalvas a esse documento, como o fato dos pressupostos deste, não conseguirem abranger as distintas realidades escolares a serem aplicados, considerando que a infraestrutura e realidade sociocultural do alunado de determinadas escolas influem no desenvolvimento das habilidades propostas. Mesmo existindo a possibilidade de adaptação, há a necessidade de se pensar como o documento poderia trabalhar as especificidades distintas do contexto sociocultural. Contudo, não é nossa intenção questionar este documento de base, mas sim destacar seus postulados acerca do desenvolvimento e aquisição da linguagem.

Sabemos que a Literatura tem um papel formador bastante relevante, vários são os estudos que apontam para o potencial humanizador dos textos literários, embora não seja a pedagogia a função primeira da Literatura, tendo em vista sua vasta capacidade de ser arte, expressão, rebeldia, manifesto, poesia, entre outras tantas nuances. Aqui, cabe frisar como o texto literário pode potencializar as habilidades globais dos alunos, segundo a própria BNCC (2018) há a necessidade de trabalhar o desenvolvimento das habilidades de apreciação, compreensão, produção e distribuição dos variados gêneros literários. Pois, a experimentação dos textos literários e da arte pode auxiliar o estudante a alcançar seu potencial de leitor autônomo e crítico, humanizado para questões que transcendem a estética e beleza artística da Literatura.

Nesse sentido, o leitor precisa não somente compreender os sentidos dos textos, como também ter capacidade de desfrutá-los. Pois, mostra-se de extrema necessidade de “um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores.” (Brasil, 2018, p. 156). Seguindo esse raciocínio, o desenvolvimento escolar deveria levar o aluno a aperfeiçoar suas competências leitoras, influenciando diretamente no melhoramento de suas produções escritas, por isso pensar na aquisição da linguagem na escola é vislumbrar o processo de leitura e escrita, fatores essenciais à proficiência do falante.

É acentuado, ainda, que o processo formativo desse leitor-fruidor, o qual é posto na BNCC (2018), parte de um forte compromisso da escola e do professor/mediador em apresentar ao aluno as variedades de textos literários que excedam o cânone da Literatura. Por outro lado, possibilitando experiências e vivências significativas, que aproximem as obras literárias das realidades culturais dos estudantes, além de propiciar-lhes encontros com múltiplas culturas e suas linguagens. Nesse percurso, há uma compreensão ampla dos interesses, conflitos e condições que permeiam a produção e circulação das obras literárias, ademais, ocorre a análise dos recursos linguísticos, semióticos e discursivos explícitos e implícitos nos textos, aos quais são atribuídos significação e sentido. Conforme propõe o campo de leitura da BNCC, temos a seguinte perspectiva:

[...] a diversidade deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, [...] Compete ainda a este campo o desenvolvimento das práticas orais, tanto aquelas relacionadas à

produção de textos em gêneros literários e artísticos diversos [...] (Brasil, 2018, p. 157).

Dito isto, ressaltamos a importância de abordar os variados estilos, autores e autoras dos textos literários. Sendo assim, podemos entender que a escola é o ambiente propício para a divulgação dessas obras, que transcendem as representações do cânone literário e percorrem as veredas dos múltiplos discursos literários culturais. Logo, refletir com os alunos quanto a tentativa de monopólio cultural existente, no contexto social, que buscam se impor de forma homogênea, deve ser desconstruída, pois é uma noção reducionista, que deixa à margem as particularidades de cada linguagem e cultura que essenciais para o desenvolvimento e Aquisição da linguagem dos alunos, que estão atentos a representações socioculturais, em especial, vislumbramos os alunos do ensino fundamental anos iniciais, por estarem em um processo ainda introdutório de Aquisição da Linguagem, descobrindo sua identidade inclusive discursiva, mediante a qual se constituem como indivíduos socioculturais.

Por essa razão, nossa proposta de intervenção em sala de aula leva em consideração esse desenvolvimento da Aquisição da Linguagem Cultural, no qual a criança em processo de consolidação da linguagem oral e escrita, em contexto escolar, beneficia-se da Literatura Infantil para firmar a Aquisição de Linguagem Cultural distinta da qual está inserida. Para apoiar nosso projeto, tomamos por base os pressupostos da sequência Básica do professor e pesquisador Rildo Cosson e os descritores da BNCC (2018), dos quais, enfatizamos a seguinte habilidade:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (Brasil, 2018, p. 157)

Consoante ao que discutimos até então, observamos os pressupostos da estética da recepção para apontar a relevância do mediador diante da interação leitor-texto, quando o horizonte de expectativa do leitor defronta-se com os mais variados discursos difundidos nos textos literários. Além disso, nos valendo ainda da perspectiva benvenistiana para evidenciar que o sujeito se constitui das enunciações sociodiscursivas pré-existentes no contexto social que ele está inserido. Portanto, a seguir temos um quadro ilustrativo da nossa proposição.

5 A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA: O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A PROPOSTA SEQUÊNCIA BÁSICA DE COSSON

5.1 Aquisição da Linguagem e sala de aula: A Literatura Infantil por uma ótica benvenistiana

Depois do que apresentamos sobre a importância das perspectivas vygotskianas para o campo da Aquisição da linguagem, uma vez que esta considera que o desenvolvimento sociocognitivo do indivíduo só consegue chegar ao seu máximo potencial em contexto social, por ser nessa relação com o outro que a linguagem é efetivada. Considerando isto, a conjuntura da Estética da Recepção nos revela a necessidade de um mediador, um representante social, por quem e para quem se escreve, haja vista a existência humana suscita no indivíduo a necessidade de comunicar-se. Assim, a Estética da Recepção compreende a tríade leitor-texto-autor, na qual esse sujeito é o ponto central.

Este percurso nos leva a discutir a relação entre a aquisição da linguagem-cultura-criança/ser humano e o contexto sociocultural. Para tanto, nos valem

dos estudos de Benveniste para apontar a introdução da criança na sociedade através da língua, a qual é perpassada por discursos e construções culturais que a formam e fazem expressar-se. Conforme disserta Diedrich (2017), a partir dos estudos de Silva (2009), há uma relação de reciprocidade entre o homem e a sociedade, sendo a linguagem a mediadora dessa relação, em vista que por meio dela o homem interage socialmente com a cultura que o cerca e consigo mesmo. Diante disso: [...] a linguagem é um fato humano, uma vez que ela “[...] é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação” (Benveniste, 1954-2005, p. 17, *apud*, Diedrich, 2017, p. 382).

Nessa perspectiva, a linguagem é toda essa esfera comunicativa entre os seres humanos, por meio da qual se solidifica a cultura dos diversos grupos sociais, pois a depender do contexto de interação no qual a criança nasce, serão distintas as crenças culturais na comunidade a qual ela será inserida e que fará parte de sua construção individual. A partir disso, é válido questionar se, no atual contexto global ao qual estamos, existe uma valorização das multiculturas existentes ou há uma tentativa da homogeneização e domínio cultural? Não temos a proposição de responder esse questionamento, mas problematizar essa temática para que possamos gerar derivadas reflexões a respeito. Acerca do conceito de cultura, Benveniste (1923) nos apresenta a seguinte noção:

A cultura, assim, é vista como inteiramente simbólica, definida por representações complexas determinadas por valores como tradição, religião, leis, política, ética, artes: “[...] tudo isso que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade” (Benveniste, 1963-2005, p. 32, *apud*, Diedrich, 2017, p. 382).

Em outros termos, o nosso “Eu” é constituído mediante o contexto sociocultural a que pertencemos, e isto exerce influência sobre nossas crenças e nossas atitudes ao longo de todo o percurso da nossa vida. Essas questões são essenciais ao nosso trabalho, uma vez que nos dedicamos a apontar que a Literatura tem um papel fundamental no processo da aquisição da linguagem, especialmente, no que refere ao potencial humanizador e cultural, já que a leitura literária leva o aluno a conhecer diversas expressões culturais e identitárias que vão moldando a construção desse sujeito leitor. Logo, se pensarmos na influência que a Literatura tem nos anos iniciais para o desenvolvimento e aquisição da linguagem, veremos que as representações e construções das leituras literárias podem trazer à criança uma expansão do horizonte cultural.

Desse modo, a nível escolar/institucional, deve ser um compromisso oferecer às crianças uma diversidade de textos literários que transcendam as representações eurocêntricas e dar mais visibilidade às culturas não dominantes, marginalizadas por fugirem à margem da cultura dominante. Por isso, considerando o exposto por Diedrich (2017) toda a existência humana ocorre na cultura que é formada, e forma pela linguagem, as manifestações literárias que são resultados e potenciais dessa linguagem, já que é perpassada pela intersubjetividade dos sujeitos, modificando e sendo modificada. Por conseguinte: “[...] o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre o qual ela aprende a agir” (Benveniste, 1968b-1989, p. 24, *apud*, Diedrich, 2017, p. 383).

Diante disso, é possível dizer que a criança recebe por meio da linguagem subsídios que guiam suas ações, sendo assim, há de fato a necessidade de apresentá-la diversas expressões culturais contadas de diversas perspectivas de locais de fala. Por essa razão, a Literatura Infantil é território fértil para as crianças acessarem discursos antirracistas, e que isso possa se proliferar em sua linguagem e atitudes. Segundo Benveniste (1963), o discurso tem a capacidade de fazer renascer a experiência de um acontecimento, e este chega ao ouvinte como uma reconstituição da realidade. Assim, essa relação intersubjetiva do discurso

nos possibilita modificar e ressignificar os discursos enraizados em nossa sociedade que regem os comportamentos e não devem ser questionados.

Pensando nesta realidade, abordamos a obra infantil, *Uma princesa nada boba*, de Luiz Antonio,¹¹ por seu discurso de resgate das raízes culturais afro-brasileiras, ao remeter à história de mulheres fortes, inteligentes e historicamente importantes, as quais não se têm fácil acesso e divulgação. Além do que, é possível, por meio da sequência básica, que norteia a nossa proposta, a qual será esclarecida adiante, adentrar as descobertas da personagem principal que, ao longo da construção narrativa verbal e visual, retoma a sua ancestralidade e passa por um processo de auto-reconhecimento. Questões essas tão caras aos alunos que estão em processo da aquisição da linguagem e carecem de reconhecer a contribuição de múltiplos discursos e representações culturais.

Tendo consciência da representação literária, nesse processo do desenvolvimento da criança na linguagem, é de fundamental importância habituá-la a discursos de personagens infantis que expressam diversidades culturais e identitárias. Pois, “[...] a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significativa na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência” (Benveniste, 1968-1989, p. 98, *apud*, Diedrich, 2015, p. 385), sendo a interpretação essencial mecanismo de linguagem que forma através e pelo leitor.

5.1.1 Aquisição da linguagem e o processo de interação

Para discutirmos a Aquisição da linguagem, na perspectiva sociointeracionista, conforme a nossa proposição neste trabalho, vale lembrar que seguindo essa concepção “[...] a atividade da linguagem é, portanto, significativa na medida em que o outro, na condição de mediador, permite à criança explorar o mundo ao seu redor [...]” (Almeida; Vilela, 2023, p. 103). Nesse sentido, a mediação é fundamental para o desenvolvimento da criança na linguagem, pois é por intermédio dela que ocorre o desenvolvimento e expansão da consciência de si e do contexto cultural, no qual está inserida.

A criança, em processo de aquisição da linguagem, sofre diversas e abruptas mudanças quando passa do contexto familiar para o cenário escolar. Entre as inúmeras mudanças, ela vai confrontar-se, muitas vezes, com uma supervalorização da modalidade escrita em relação à oral, a qual ela tem mais domínio. Esse impacto sociocultural é sentido também no nível das interações das crianças em sala de aula, segundo Almeida e Vilela (2023), o vínculo tão valioso entre os conhecimentos que os alunos constroem na escola e o que trazem de casa, acaba se esvaindo, perdendo a relação entre a língua maleável e criativa, com a qual a criança está habituada e a língua mais rígida e metódica apresentada na instituição escolar. O que nos leva a refletir sobre a seguinte afirmação:

Gauthier (1995), ao lembrar-se dos pressupostos deixados pelo linguista Antoine Culioli, nos mostra que, quando consideramos a linguagem como atividade significativa, concebemos o próprio sujeito como a entidade capaz de perceber que, na origem dos enunciados, se encontram operações da ordem da linguagem, o que traz reflexos imediatos à problemática didática. (Almeida e Vilela, 2023, p.105)

Se voltarmos nossa atenção à escola, perceberemos que, conforme a afirmativa anterior, boa parte dos problemas em sala de aula está na concepção, em geral, contraditória e

¹¹ Luiz Antonio nasceu em 1976, na cidade de São Paulo. É educador, escritor, roteirista e estudioso da linguagem em sua ampla representação do escrito na oralidade. Segundo Santana (2019), o escritor Luiz Antonio: “Não é, de fato, estudioso da cultura Afro-brasileira, e faz dessa obra um trabalho de valor incalculável, corroborando com a quebra de preconceitos já tão estigmatizados” (Santana, 2019, p. 23, *apud*, Silva, 2023, p. 47).

mecanicista, de que os alunos são folhas em branco prontas apenas para receber informações. Conforme Almeida e Vilela (2023), no ambiente escolar há possibilidades de investigações linguísticas que auxiliam o aperfeiçoamento das habilidades enunciativas e discursivas. Estas investigações deveriam orientar as práticas de ensino, pois sendo, nesse sentido, as produções discursivas-enunciativas a finalidade primeira da linguagem, é essencial considerá-la no processo comunicativo da criança, tanto enquanto aluna quanto falante na sociedade em que está inserida.

Logo, chegamos à reflexão de que, enquanto o ensino não consegue ter por finalidade o uso da linguagem enquanto função comunicativa sociointeracional, está fadada a aprisionar-se em uma dicotomia: a língua portuguesa institucional e a do convívio sociocultural. Ademais, conforme apontaremos, um ensino voltado somente à função gramatical formalista da língua, desvinculada do discurso, pode ser deveras empobrecedor.

5.2 Aquisição da Linguagem e Cultura: uma perspectiva benvenistiana

Ao longo de nossos apontamentos sobre o processo de aquisição da linguagem em sala de aula, valorizando-se a linguagem cultural por meio da Literatura Infantil, trazemos destaque a concepção enunciativa de Benveniste, no que diz respeito a Aquisição da Linguagem cultural, mediante leitura e escrita. Pois, entendemos que a escuta é o elemento essencial para as produções escritas, uma vez que se entende a língua como um sistema interligado de unidades linguísticas que se compõe em processo constitutivo. Embora a aquisição da linguagem escrita não se restrinja à exposição sonora, ela pode auxiliar significativamente esse processo, afinal, em outras palavras, “[...] A aquisição da escrita exige uma percepção vocal que não se relaciona apenas com emissões vocais, mas também com emissões e percepções gráficas. (Silva; Oliveira, 2021, p. 186, *apud*, Diedrich, 2023, p. 218). Dessa maneira, o contato com o texto literário proporciona a recepção e a produção da linguagem oral e escrita, oferecendo à criança diversos estímulos, incluindo os visuais e discursivos.

Como discutimos, a constituição enunciativa do pequeno falante ocorre na tessitura social, conduzida pela dinamicidade da linguagem que compõe e é composta pelo falante. Assim, conforme as proposições de Almeida e Vilela (2023), na interação com sua língua materna, a criança imita os sons, reproduz padrões, cria novas combinações e palavras, atribuindo-lhes sentido. Nesse cenário, esse processo criativo e aventureiro da criança tende a ser cerceado quando ela ingressa na escola, o que não deveria ocorrer.

Diversos estudos apontam que a vivência da linguagem lúdica permite que o aluno desenvolva-se de forma integral e possa associar com fluidez as abstrações ligadas a realidade imaginária e as do mundo real. Esse processo de construção, é “um espaço potencial para a aprendizagem que não será limitado apenas à apropriação de conteúdos escolares, mas pode reconectar a esfera cognitiva com as emoções para que o processo de aprendizagem ocorra de maneira significativa.”(Almeida e Vilela, 2023, p. 109). Assim, valorizando o sujeito presente na e pela língua, é possível alcançar melhores resultados no ensino de língua materna.

Nesse sentido, a partir de nossos estudos, percebemos que geralmente, conforme se avançam os ciclos escolares, se perde o desfrutar da linguagem como um processo integral e maleável, e passamos a um estágio classificatório e normativo que não se interessa pelas manifestações criativas da linguagem. Por essa razão, pensando em aulas de Língua Portuguesa que priorizem a habilidade comunicativa, elaboramos a seguinte proposta, primeiramente, temos um quadro ilustrativo com o passo a passo da sequência, posteriormente temos a seção de justificativa e análise.

Portanto, evidenciando o norteametodológico deste trabalho, cabe explicitar seu desenvolvimento. Essa pesquisa busca refletir sobre o processo de aquisição da linguagem em consonância com os aspectos culturais identitários. Para este fim, desenvolvemos uma proposta voltada para a sala de aula com enfoque em turmas do 4º ano do ensino fundamental anos iniciais. Assim, tomamos por base a metodologia sociocultural, a partir da qual se desenvolve uma proposta de intervenção embasada pelas etapas da sequência básica de Rildo Cosson, sendo aplicada por meio de aulas expositivas-dialogadas. Esta proposta tem também como suporte os descritores de habilidades e competências da BNCC, descritores esses que servem de referência para sistemas de avaliação como o Sistema de Avaliação da Educação Básica, por essa razão, vale salientar que uma das proposições desta produção é o desenvolvimento integral do sujeito visando ir além da decodificação do código linguístico.

Para tanto, nossa pesquisa se vale da teoria da estética da recepção para mostrar que o leitor é aquele capaz de atribuir sentido ao que foi escrito, logo sua participação na construção do texto é inegável, já que uma obra literária não se faz apenas de estética e precisão linguística, nem somente de pretensões/intenções do autor, pois esses elementos sem a recepção de um leitor são desprovidos de sentido. Dessa forma, o conceito de recepção nos é fundamental, pois surge como um reconhecimento da importância da contribuição do leitor na construção literária, logo: “A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transforma em sentido quando alguém resolve ler.” (Zappone, 2004, p. 154). Dessa forma, se há a necessidade da interação social para o desenvolvimento e aquisição da linguagem, esse processo também é ligado à interação e socialização das obras literárias.

Com isso, partindo aos conceitos da sequência básica de Cosson (2012), deve-se dizer que está transcorre, a partir de quatro etapas que são elementares para que o sujeito tenha um contato significativo com a leitura literária, proporcionando-lhe uma construção proveitosa de um “eu” leitor autônomo, crítico e engajado. Assim, as etapas são distribuídas em quatro momentos: 1º Motivação, 2º Introdução, 3º Leitura e 4º Interpretação, cada uma dessas fases leva o leitor a se apropriar do texto literário não como um mero texto que apresenta um estilo artístico, mas, para além disso possa conectar-se com o discurso literário, aproximando-o de sua realidade o que permite atribuir a leitura os mais distintos sentidos e significados.

Dito isso, segundo a proposta de Cosson (2012), o autor justifica que a motivação se faz necessária para que crianças, jovens e adultos possam adentrar com bastante vigor a leitura, é essencial uma “moldura” que lhes possibilita interagir com mais admiração com as palavras de modo que “[...] É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever uma determinada ação os conectar-se diretamente com o mundo da ficção e da poesia abrindo as portas e pavimentando caminhos para a experiência literária (Cosson, 2012, p. 53-54, *apud*, Silva 2023, p 42).” Ou seja, para uma criança essa motivação pode modificar totalmente a sua recepção à leitura literária. Sendo assim:

Outro cuidado que se deve ter é na apresentação da obra. Muitas vezes achamos que aquela obra é tão interessante que basta trazê-la para os alunos. Ela vai falar por si só. De fato, ela fala e pode até prescindir da intervenção do professor, mas quando se está em um processo pedagógico o melhor é assegurar a direção para quem caminha com você. Por isso, cabe ao professor falar da obra e de sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha (Cosson, 2012, p. 60 *apud* Silva, 2023, p. 43).

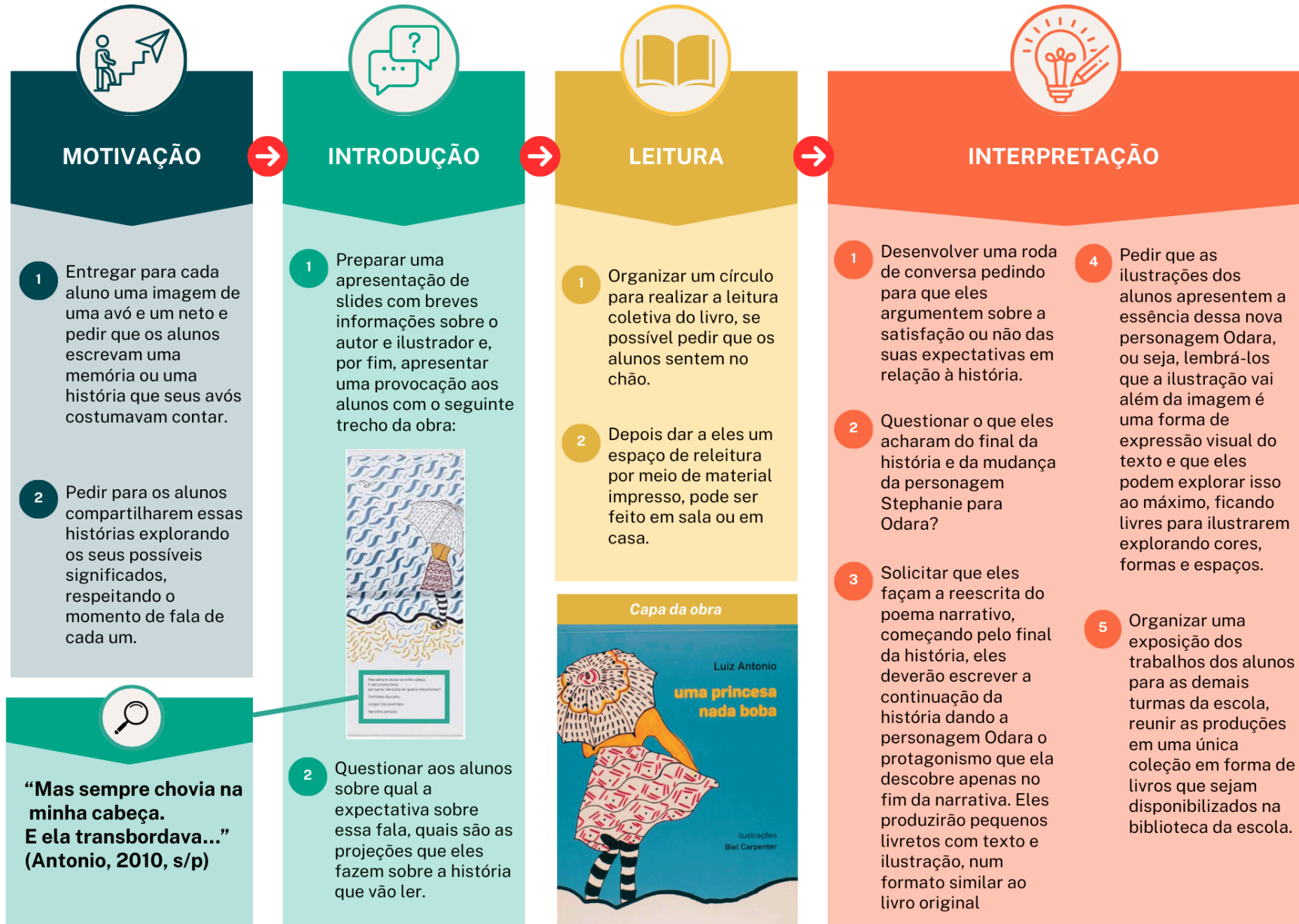
Essa afirmativa nos leva a refletir sobre a importância das escolhas de abordagem e textos, feitas pelos professores, de modo a contribuir com a formação leitora dos alunos. Além disso, “Cosson (2012) nos lembra que o processo de leitura em sala de aula, principalmente de textos extensos, precisa de acompanhamento, ou seja, o

professor/mediador deve orientar a leitura [...] e o aluno perceba os elementos textuais [...] e essencialmente o discurso sociocultural que está impregnado naquele texto.” (Silva, 2023, p. 44). Por isso, a leitura em si é todo esse processo de reflexão e internalização das vozes discursivas presentes nas obras literárias.

Dessa maneira, o ápice desse processo da sequência básica seria a Interpretação, em que o aluno pode externalizar aquilo que construiu mediante a sua leitura, trazendo sua voz discursivas para fora compreendemos que não se pode querer que a leitura de todos possua uma única compreensão, muito menos aquela defendida pelo professor, uma vez que cada indivíduo tem suas particularidades e conhecimentos de mundo, que são, sem dúvida, elementos pertencentes à leitura, atuantes de forma decisiva no encontro autor-texto-leitor.

Nesse viés, é essencial que o professor possa mediar, conscientemente, o momento de leitura para que não seja imposto o olhar opressivo que inviabilize o protagonismo do aluno. ”Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, [...] recomendar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória (Cosson, 2012, p. 65, *apud*, Silva, 2023 p. 45).” Logo, nossa proposta visa aproximar o aluno da leitura literária não só de forma crítica como também afetiva para que isso reverbere em sua formação discursiva.

Quadro 01: Sequência Básica com a obra *Uma princesa nada boba*, de Luiz Antonio



5.2.1 A recepção a obra Infantil: Descobrimo uma identidade

Conforme apresentamos, é na fase infantil que o processo de Aquisição da Linguagem está se formando e consolidando, simultaneamente, a sua entrada no contexto de sala de aula, por isso, há uma responsabilidade das instituições de ensino em oferecer auxiliar nesse processo de aquisição. Por isso, trazer obras literárias infantis que ultrapassem o cânone literário que vigora, de modo geral nas escolas, se faz indispensável por auxiliar no processo de construção da linguagem da criança, o que repercutirá em toda sua vida adulta mediante os discursos que ela tomou por base para formar seus próprios enunciados.

Sendo assim, concluimos que trabalhar com textos literários que apresentam personagens tidos comumente de maneira estigmatizada, em papéis afirmadores e protagonistas seja de extrema importância não só para a formação discursiva dos alunos como também para a construção da sua identidade. Com efeito, lembramos a fala de Djamilia Ribeiro (2019) que afirma, ser necessária mais do que uma sociedade não racista, é preciso ser antirracista. Desse modo, a sala de aula é um propício espaço para reflexão e mudança dos discursos racistas arraigados na nossa história constitucional. A representação de um personagem literário extrapola os limites da ficção e adentra os espaços das multimesioses, gerado por meio de imagem, texto e discursos uma identificação, por parte do leitor, que atribui e faz ressignificações a sua leitura. Dessa forma, conforme o pensamento freudiano, a criança se vale dos personagens infantis para expandir sua compreensão linguística na construção do seu “eu” falante, pois:

Segundo a teoria freudiana, os primeiros passos da atividade imaginativa surgem na infância. A criança, ao entrar em contato com o mundo lúdico, vivência e identifica-se com os heróis para satisfazer os seus desejos, reconta a história, alimenta sua imaginação e amplia seu repertório de palavras. (Almeida; Vilela, 2023, p. 106).

Aportados nesta compreensão, elaboramos uma sugestão de sequência didática que se vale da obra: *Uma princesa nada boba*, de Luiz Antonio, Ilustrado por Biel Carpenter¹², nos leva a conhecer a personagem principal Stephanie, a qual percorre, ao longo da narrativa, um caminho de volta a sua ancestralidade o que a leva a elucidar alguns de seus questionamentos a respeito dos estereótipos de princesa que lhes foram socioculturalmente apresentados. Para tanto, a narrativa nos apresenta outra personagem essencial a avó que vai resgatando gradualmente a linguagem cultural que pertence a sua herança, passando isto a neta, ela nos conduz a fatos históricos pouco difundidos nas salas de aulas, história de mulheres negras relevantes por seus feitos, o que leva a menina a aceitar, entre outras coisas, o seu nome que era Odara.

Considerando essas questões presentes nesse poema narrativo¹³, traçamos para o nosso momento de motivação uma estratégia que retoma a relevância dessa herança cultural que é transmitida pela oralidade, conforme é resgatado nesta obra literária. Ou seja, trabalhando a oralidade é viável incentivar a descobertas dos discursos que acompanham a formação da criança, e são oriundas do contexto sociocultural no qual ela está inserida. Conforme Diedrich (2023) as particularidades enunciativas da criança são entendidas como

¹² Biel Carpenter nasceu em 1983, na cidade de Marília, São Paulo. É formado em gravura pela escola de Música e Belas Artes do Paraná. Conforme Santana, 2019 o livro: “Uma princesa nada boba marca o início dos trabalhos de Carpenter como ilustrador de livros. Com ilustrações muito bem elaboradas que ao desenvolver do poema complementam a história...” (Santana, 2019, p. 23, *apud*, Silva, 2023, p. 47).

¹³ Segundo Sales (2011), “o poema narrativo caracteriza-se como a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local, [...] Dessa forma, o poema narrativo pode ser classificado como épico, heróico ou herói-cômico”.

esquemas culturais que “direcionam o movimento de atualização da língua-sistema em língua-discurso, na experiência de aquisição da língua, a qual se dá na relação da criança com o outro e com a cultura de sua sociedade.” (Diedrich, 2023, p. 209). Logo, a linguagem vai além do código, é comunicação e formação cultural.

Nessa perspectiva, passando para a etapa de introdução, nos atentamos aos elementos composicionais da obra, nos alentando a breve biografia do autor e ilustrador, bem como os recursos ilustrativos que integram a narrativa e ajudam a significar todo o percurso e descoberta da personagem. Esse passo favorece maior engajamento do aluno, já que a pode gerar curiosidade em entender melhor a história se atentando também à leitura visual. Pois, o estímulo visual, pode auxiliar nossa capacidade de atribuir significado aos discursos imagéticos que estão implícitos em diversas situações sociocomunicativas, além disso Diedrich (2023) defende que a parte da esfera biológica a capacidade mais básica ao ser humano é a de simbolizar, materializa um discurso por meio das suas várias representações. Isto posto, entendemos que:

Os livros ajudam a saber que imagens e palavras representam o mundo real. A partir da exploração das imagens fixas e das repetições das pequenas histórias... Nesse compreender não apenas interpretar o que aparece objetivamente representado, mas também perceber os juízos de valor que merecem as coisas em sua própria Cultura: o que é seguro ou perigoso, o que se considera feio ou belo, comum ou extraordinário etc. (Colomer, 2017, p. 32).

Em outras palavras, a leitura literária transcende o que está escrito, não deixando de lado a importância do que está grafado no texto, reforçando que o discurso cultural difundido nos livros *Infanto Juvenis*, podem colaborar para a construção de pessoas mais conscientes. Para tanto o passo referente a leitura é primordial para as proposições que defendemos neste trabalho, já que é nesse ponto que abordaremos com mais ênfase a leitura e oralidade dos alunos verificando e auxiliando nesse processo de Aquisição. Ademais, é justamente por meio do processo de leitura que a criança poderá ter conhecimento sobre a história de Stephanie e seu reconhecimento da própria herança cultural, por meio dos cuidados e das falas da avó, que permitem que a menina reconheça que ao contrário do que ela pensava nem toda princesa é branca com traços físicos europeus, existem muitas princesas negras que pertencem a sua ancestralidade, porém elas são apagadas dos espaços de divulgação como a escola, muitas vezes em virtude do nosso passado escravocrata e nossa realidade racista.

Assim, retomando a condição humana de simbolizar, estamos de acordo com Diedrich (2023), quando elenca que o conceito de linguagem como capacidade enunciativa trata-se dessa fina característica humana de transitar entre o simbólico do discurso. Dessa forma, mediante a construção da personagem vamos tendo contato com outras visões socioculturais e acompanhamos a veiculação dos variados discursos a ela inerentes, como no caso de Stephanie que ao longo da história vai entendendo sobre sua herança cultural até se mostra como Odara, seu nome verdadeiro, o qual omitia por falta de compreensão de si mesma e de culturas que ultrapassem o contexto que estava inserida. Nesse sentido:

[...] a expressão literária representa um modo muito particular não só de atualizar a língua no discurso, mas também, [...] no discurso das personagens que transitam pelas cenas narrativas, concepções de língua e linguagem construídas na experiência marcada pela sensibilidade e pela historicidade do indivíduo na sociedade, [...] (Diedrich, 2023, p. 210).

Dito isto, a autora que por meio de análise linguística é perceptível que crianças e adultos criam identificação com os personagens se “confundindo” com a própria construção narrativa desse personagem, esse efeito se dá pela condição de deslocamento do leitor na narrativa. Pensando no professor como um mediador desse processo, é de essencial valor

trazer a baila obras como Uma princesa nada boba, na qual a criança tem a oportunidade de deslocar-se nos discursos presentes na narrativa, desconstruindo estereótipos e conjecturas, muita vezes enraizados em nosso contexto cultural.

Por fim, no momento da interpretação, lembramos o pensamento benvenistiano, o qual assegura que acordar da consciência na criança corresponde a aprendizagem da linguagem, conduzindo gradualmente o indivíduo a ser inserido em sociedade. Por essa razão essa etapa de conclusão exige o máximo de interação entre o professor-aluno-texto-discursos, dessa maneira a criança não só irá receber discursos alheios, como vai internalizá-los, significá-los e produzir sua própria fala, nesse contexto enunciativo vale destacar que:

Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros” (Benveniste, 1989, p. 101). Social, porque, segundo Benveniste (1989), a língua representa uma realidade supraindividual e coextensiva à coletividade. A língua, assim, se dá a conhecer na prática social, na comunicação inter-humana (Diedrich, 2023, p. 211-212).

Esse movimento de troca de saberes por meio da enunciação encaminha-se o que Benveniste (2005) concebe como dispositivo enunciativo aquisicional, (eu-tu/ele)-ELE, no qual relaciona a interação entre o eu (sujeito), tu (o outro), ele (discurso) e ELE (cultura). Essa estrutura organiza o meio pelo qual Benveniste defende que ocorre essa Aquisição da Linguagem, já que a língua é entendida como sistema comunicativo de inserção sociocultural, visto que só por meio dela o indivíduo realmente é integrado socialmente como parte de determinada comunidade cultural.

Entende-se esse esquema cultural como sendo o conjunto de valores e significações atribuídos por um grupo social, nos quais “[...] valores constitutivos da sociedade humana na cultura organizados e expressos em modos de enunciar, os quais direcionam o movimento de atualização da língua em discurso, vivenciado pelo locutor a cada ato enunciativo” (Diedrich, 2020, p. 213/214). Logo, embora partilhem de uma compreensão dos acordos universais firmados por dado grupo social, cada falante desse grupo assume sua particularidade enunciativa sendo sempre capaz de modificar e expandir seu discurso, pois:

[...] à sua enunciação um modo de dizer particular, o qual também tem como referência o universo da leitura e da contação de histórias, mais especificamente, o das histórias que envolvem princesas, reis e rainhas, como denota a presença do elemento “coroa” na situação enunciativa. Essa vivência se dá em relação ao tu. Conforme afirmamos em Diedrich (2015, p. 118, *apud*, Diedrich, 2020, p. 214).

A partir de novas trocas socioculturais, os leitores podem, por meio da apresentação discursiva dos personagens, integrarem outras proposições culturais. No que se refere a relação entre a Aquisição e a Literatura torna-se evidente como os personagens conseguem construir junto ao leitor uma Aquisição cultural, mediante a circulação dos discursos, posto que os enunciados se organizam e são reorganizados no simbólico, como já dito, fazendo com que o falante crie novos significados sobre si e os outros.

[...] a relação da criança com a cultura da qual faz parte, o que se dá na atualização de formas e sentidos da língua situada socialmente. A “cultura” é entendida, aqui, a partir de uma das definições que Benveniste formula para esse termo: “Chamo cultura ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo” (Benveniste, 2005, p. 31, *apud*, Diedrich, 2020, p. 214)

Entendendo a cultura como algo primordial, acreditamos ter evidenciado como a Literatura Infantil pode conduzir a criança para a aquisição da linguagem cultural, que mediante a socialização e recepção do texto literário pode-se construir novos discursos

enunciativos. Oriundo desse estudo também deve-se frisar que a vida acontece em contato com o meio social, portanto toda linguagem que construímos é cultural, é resultado de acordos estabelecidos por um grupo de falantes, logo, a escola deve ser um espaço imparcial que possa circular os distintos discursos como forma de resignificação e mudanças de paradigmas socioculturais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim de nossas reflexões sobre a interrelação entre a Aquisição da Linguagem e Literatura, visando colaborar com o processo de aquisição da linguagem e cultura, atingimos nossa proposição inicial de discutir as contribuições da Aquisição da Linguagem Cultural, por meio da leitura literária, para a construção de sujeitos mais conscientes observando à multiculturalidade, na qual, estamos sócio culturalmente inseridos. Sabendo ainda que nossa pesquisa não dá conta de comportar todas as questões e respostas relacionadas a Aquisição da linguagem cultural em contexto de sala de aula, por meio de uma abordagem da Literatura.

Convém frisar que não era nossa intenção fornecer respostas absolutas a esse cenário aquisicional, era nosso intuito discutir sobre esse processo de Aquisição em sala de aula enxergando o papel mediador do professor como uma notável possibilidade de se valer dos textos literários para fomentar a Aquisição da linguagem, por parte dos alunos, em especial ampliando a linguagem cultural. Explorando as contribuições das perspectivas Sociointeracionistas e enunciativas, mostramos que no processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem é perceptível as contribuições dos textos literários

Como é possível compreender, o processo de entrada na linguagem é constitutivo contínuo durante sua vida. Dessa forma, apesar de a fase inicial da Aquisição da linguagem ser de suma relevância para a sua formação adulta, estamos em processo de aquisição mesmo na fase adulta, temos essa capacidade de aprender e reaprender mudando nossos paradigmas e reconstruindo idéias postas socioculturalmente. Portanto, finalizamos esta pesquisa deixando claro que muito tem a se investigar a respeito da Aquisição da linguagem e os caminhos, os quais ela percorre para se desenvolver, por isso a um vasto campo de pesquisas, dentro dessa abordagem aqui apresentada, que pode ser explorada por outros pesquisadores. Intuímos que nossas contribuições sirvam de provocação para diversos trabalhos nessa perspectiva que preencham espaços que não pudemos alcançar, com ênfase nestas linhas.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suzana. Rosa de; VILELA, Thatiana. Ribeiro. A linguagem e o ensino: da aquisição à sala de aula. *In*: VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra. HILÁRIO, Rosângela Nogarini. (orgs.) **E por falar em linguagem da Criança**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274933>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ANTONIO, Luiz. **Uma princesa nada boba**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ANTUNES, J. M.; KUNZ, M. A.; MARTINS, R. L. Literatura, linguagem e letramento: A criança aprendendo a ser protagonista de sua história: *The child learning to be the protagonist of his story*. **Revista Desenredo**, [S. l.], v. 16, n. 3, 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/11495>. Acesso em: 01 ago. 2024.

ARAÚJO, Joana Carla Guedes de. **A relevância da literatura infantil na formação escolar e no desenvolvimento social da criança nas séries iniciais**. 2020. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2020. Disponível em:

<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/22614>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação: Brasília, 2018.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni. 1ª ed. São Paulo: Global, 2017.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **Estética da recepção e teoria do efeito**. [recurso eletrônico] Dia a dia educação. Secretária da educação do Paraná: Curitiba, 2012. s. p. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=44&lid=4787 Acesso em: 20 de ago. de 2024.

CRUZ, de Lima Souza, Grazielle; BUENO de Lara Wilma. A importância da literatura infantil para a aquisição da linguagem. **Cadernos Acadêmicos Unina**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2022. DOI: 10.51399/cau.v2i2.166. Disponível em:

<https://revista.unina.edu.br/index.php/cau/article/view/166> . Acesso em: 20 ago. 2024.

DIEDRICH, Marlete. Sandra. A criança, a língua e a cultura: deslocamentos no simbólico da linguagem. In: VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra. HILÁRIO, Rosângela Nogarini. (orgs.) **E por falar em linguagem da Criança**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2023.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274933>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DIEDRICH, Marlete. Sandra. O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura na aquisição da linguagem numa perspectiva enunciativa aquisicional. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 39, n. 4, p. 381-386, 19 out. 2017. DOI:

<https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v39i4.31868>. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/31868>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FENOGLIO, Irène. Émile Benveniste, epistemólogo. A necessidade de uma linguística geral. **Eutomia**, Recife, v.1, n.33. p.1-22, jun. 2023. DOI:

<https://doi.org/10.51359/1982-6850.2023.259914>. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/259914>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HILÁRIO, Rosângela Nogarini; DEL RÉ, Alessandra. Questões metodológicas e ferramentas de pesquisa nos estudos em Aquisição da Linguagem. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 57-63, 2015. DOI: 10.15448/1984-7726.2015.1.18397. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/18397>. Acesso em: 22 ago. 2024.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

NETO, José Ferrari Neto. Metodologias experimentais no estudo da aquisição da linguagem. In: VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra. HILÁRIO, Rosângela Nogarini. (orgs.) **E por falar em linguagem da Criança**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274933>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PINHEIRO, Clemilton Lopes; PARAYBA, Fatiha Dechicha; MILANO, Luiza; FENOGLIO, Irène. Émile Benveniste: contribuições para as ciências da linguagem. **Eutomia**, v. 1, n 3, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/issue/view/3558>. Acesso em: 20 de ago. 2024

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. Schwarcz S. A.: São Paulo, 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.

SALES, José Batista de. Poema narrativo. In: CEIA, Carlos. (org.). **E-Dicionário de termos literários**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2011. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/pnarrativo>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, Juliana Soares da. **Uma princesa nada boba, de Luiz Antônio**: a representatividade feminina e a caracterização da personagem negra em sala de aula. 2023. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/29477>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A criança na fala e na escrita: Um olhar enunciativo. In: VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra. HILÁRIO, Rosângela Nogarini. (orgs.) **E por falar em linguagem da Criança**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274933>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SIMÕES, Vera Lucia Blanc. Histórias infantis e aquisição de escrita. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 22–28, jan. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/sLKv5jJcdwWStCbv8V6cL6c/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra. HILÁRIO, Rosângela Nogarini. (orgs.) **E por falar em linguagem da Criança**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274933>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VENTURA, Pedro Ramos. Linguagem e tradição em Georg Gadamer. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 46–55, 2015. DOI: 10.5902/2317175813346. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/13346>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI Thomas; ZOLIN Lúcia Osana (orgs). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEM, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo, Ática, 1989.